

Apresentação

O tema deste número da revista *Convergência Lusíada* – O racismo em português: um olhar interdisciplinar, foi pensado com o intuito de propor um olhar contemporâneo sobre o racismo. A acolhida à proposta, apesar das limitações impostas pela pandemia de Covid 19, foi significativa, o que nos permite apresentar um dossiê particularmente coeso, composto por análises atuais e pertinentes, literárias, históricas e culturais, de pesquisadores de nacionalidades variadas, que dialogam entre si e se complementam.

Começamos pelas contribuições trazidas pela literatura, forma de perscrutar experiências e acontecimentos por ângulos incomuns e surpreendentes. É o caso da leitura de Agnès Levécot em “Pele branca, máscaras negras em *O esplendor de Portugal* de António Lobo Antunes”. Não se tratando de um texto recente do autor, seu tema continua vivo na literatura portuguesa contemporânea. Uma família de retornados, neste caso específico de uma família multirracial, aspecto bastante incomum na história da colonização portuguesa chega a Portugal. O centro da intriga vai girar em torno de um conjunto de máscaras africanas compradas à sucapa em Luanda e deslocadas para as paredes de um apartamento em Lisboa. O episódio, gerador de intensos conflitos familiares, é motivo para a reflexão sobre a falta de empatia dos colonos portugueses para com as populações dos países ex-colônias.

É também sobre a experiência do deslocamento que se concentra Norma Sueli Rosa Lima no artigo “*Esse cabelo em Luanda, Lisboa, Paraíso: Djaimilia Pereira de Almeida e a experiência do desenraizamento na tentativa de integração*”. Se ambos os textos, como afirma a autora, evocam o afastamento do país de origem, Angola, e as experiências de desenraizamento e preconceito racial vividas em Portugal, o tom em que cada um deles é construído é diferente: no primeiro, a combinação entre memória e imaginação imprime à crítica social algum humor e leveza; no segundo, entretanto, o tom assumido é mais dramático, o que altera a experiência de leitura.

Seguindo no tema da história colonial portuguesa e seus desdobramentos, Paulo Ricardo Kralik Angelini, em “*Voices dos silenciados: resistência escrava e herança colonial em *deus-dará, Não se pode morar nos olhos de um gato* e *Biografia do Língua*”*”, propõe uma análise comparativa dos três romances. Trata-se de perceber como cada um deles - dois de autoras portuguesas, um de autor caboverdiano - investiga o silenciamento oficial português em relação à escravidão, quer no que toca a políticas de Estado que contribuam para o seu desmantelamento quer pela omissão do tema no discurso histórico oficial. Como se pode ler no texto: “A abolição da escravatura ou o fim histórico do colonialismo não aboliram o pensamento racista nem extirparam a discriminação e a exploração do negro.”

É ainda de silenciamento que nos fala o texto” O outro lado da verdade: imagens do racismo em *Cadernos de memórias coloniais*” de Danielle Gomes Mendes, Gabriel Vidinha

Corrêa e Márcia Manir Miguel Feitosa. Segundo os autores, o livro de Isabela Figueiredo pode ser lido como um acerto de contas, por denunciar a prática do racismo, verdade incômoda e amarga sistematicamente evitada, quer pelos portugueses que viveram em África e tiveram que retornar, quanto pelos próprios colonizados. No caso particular desta narrativa, na qual se inscreve a violência da ação colonizadora portuguesa, o racismo é descrito por quem o vivenciou, podendo ser por isso definida como literatura de resistência.

Os textos literários até aqui comentados relacionam-se de alguma maneira com a longevidade do colonialismo português e a falta de um discurso de oposição que lhe fizesse frente. Uma das causas para essa ausência, terá sido a ampla difusão do luso-tropicalismo, ideologia adotada pelo Estado Novo que afirmava a ausência de preconceitos rracicos e o tratamento igualitário em relação a outros povos e etnias. Entretanto, como demonstra Filipe Abrão Martins do Couto em “*O lado oculto do lusotropicalismo: o legado de Gerald Bender na literatura e pensamento angolano*” a ideologia lusotropicalista, ao contrário do que muitos pensavam, não significou uma “interação humana racialmente igualitária”. Ao contrário do discurso difundido pelo Estado Novo, segundo Bender, jamais foi sinônimo de igualitarismo e solidariedade entre homens de diferentes culturas, tendo funcionado antes como um discurso defensivo, que não só protegia os portugueses das críticas internacionais de que eram alvo, como ao mesmo tempo lhes permitia atuar em terras africanas com toda a liberdade e “libertinagem”.

Como forma de manter sua presença nas colônias, o Estado novo usou também de estratégias no que toca à política cultural, tornando-se assim um precursor do chamado “politicamente correto”. É esse o tema do artigo “O vento mudou: o Estado Novo e a inclusão dos festivais da canção televisivos em sua política de integração racial” de José Monteiro. Em 1967 um angolano, Eduardo Nascimento, participa do Festival RTP da Canção, ganha o primeiro prêmio, e com isso ganha também o direito de representar Portugal em Viena, Áustria. Deste modo, torna-se o primeiro cantor negro a se apresentar no Festival Eurovisão, fato aproveitado por Portugal, interessado em amenizar as críticas internacionais de que era alvo.

Apesar da falta de incentivo e das repressões de Portugal em relação às manifestações artísticas surgidas nas colônias, houve iniciativas de resistência importantes, como mostra Amanda Palomo Alves em “*Escrever, compor, cantar!: o encontro da literatura angolana com a música no combate ao colonialismo (1940-1950)*”. O texto descreve o surgimento de movimentos literários em Angola que tiveram grande importância no processo de valorização da cultura nacional e na denúncia ao colonialismo português, particularmente entre os anos 1940 e 1950. Como a historiadora procura demonstrar, a produção literária e jornalística, as denúncias feitas por intelectuais, os movimentos sociais e culturais e a musicalidade surgidos naquela época, são elementos fundamentais para se conhecer a história recente do país.

José Paulo Cruz Pereira, no texto “*Mia Couto: escrita e racismo — ou ‘a arrogância de um único saber’*”, vai discutir a lógica cultural urbana que elege o escrito como detentor de uma saber único ao mesmo tempo em que reprime os preceitos que orientam o mundo da oralidade.

Tal situação é vivida com particular intensidade em Moçambique, país no qual “20 milhões de moçambicanos vive e funciona num tipo de racionalidade que tem pouco a ver com o universo urbano” o que instala um problema *ético e político* no que diz respeito à heterogeneidade cultural do país. Ampliando a discussão com base em contribuições de Foucault, Agamben, Hommi Bhaba e Derrida, entre outros, trata-se de perceber o quanto uma concepção de tempo teológica e totalizante tentou ao longo da história erradicar outros saberes considerados ‘naives’ e abaixo do nível requerido de cognição ou cientificidade.

Na sessão *Vária*, publicamos o texto “Lereno Selinuntino e Glauceste Satúrnio: presença de lirismo pastoril e alvinegro no Arcadismo luso-brasileiro” de Tânia de Assis Silva, uma leitura comparativa de poemas de Domingos Caldas Barbosa, o pastor Lereno Selinuntino, e de Cláudio Manuel da Costa, de nome pastoril Glauceste Satúrnio. Pertencentes, ambos, ao movimento literário do Arcadismo, sua poesia se assemelha quanto à estética, à temática e à erudição. No caso de Lereno, porém, além da voz poética arcádica, considera-se também a voz que assume sua identidade negra, distinta dos poetas árcades pela fluidez do lirismo, difundido na voz afro-brasileira pela modinha e o lundu.

As resenhas que integram este número dialogam de perto com o tema do dossiê. Jorge Valentim apresenta o livro *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso*, da escritora portuguesa Alexandra Lucas Coelho. Texto híbrido, composto de uma recolha de impressões históricas e ficcionais sobre o Brasil, suas particularidades e complexidades sócio-políticas, pode ser lido, propõe o autor, como uma narrativa de viagens, confirmada pela própria estrutura arquitetural adotada: “Primeira volta (setembro 1997)”, “Segunda volta (dezembro 2016 – janeiro 2017)”, “Terceira volta (agosto 2017)”, “Quarta volta (maio 2019)” e “Quinta volta (promessa)”. Motivado por um comentário de Caetano Veloso à autora, o livro apresenta-se também contaminado por um discurso memorialista, cuja intersecção se concretizará, muitas vezes, pela presença da crônica, gênero que a escritora conhece bem.

Bianca Mafra Gonçalves apresenta “*África lusófona: além da independência*”, de Fernando Arenas, recentemente traduzido no Brasil. Originalmente publicado em inglês (*Lusophone Africa: beyond independence*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011), *África lusófona* faz uma introdução à história e cultura das antigas colônias portuguesas em África. Adotando uma abordagem multidisciplinar, ao combinar uma leitura crítica de seu legado histórico, social e econômico, com o contexto contemporâneo de produção artística, o livro oferece um importante panorama para estudantes e pesquisadores. Por ter sido publicado no início desta década, e apresentar fenômenos contemporâneos que estão em constante transformação, a edição brasileira ganhou informações e notas atualizadas, abrangendo produções e acontecimentos até 2019.

Cristina Firmino Santos
Universidade de Évora

Madalena Vaz Pinto
Universidade do Estado do Rio de Janeiro